



Triste fim de Clarice Lispector ou A paixão segundo Lima Barreto: a linguagem precária de Macabéa e Clara dos Anjos

The sad end of Clarice Lispector or The passion according to Lima Barreto: the precarious language of Macabéa and Clara dos Anjos

Gabriel Chagas

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, Rio de Janeiro / Brasil

gabriel.chagas19@gmail.com

<http://orcid.org/0000-0002-1681-8347>

Resumo: O presente artigo tem como objetivo criar uma leitura comparativa entre os romances *Clara dos Anjos*, de Lima Barreto, e *A hora da estrela*, de Clarice Lispector. Para tanto, a tentativa de elaborar uma linguagem própria será o tema convergente entre as narrativas, a partir das experiências ficcionais de suas protagonistas. Como aparato teórico, a investigação parte de uma pesquisa bibliográfica que percorre a tradição pós-colonial, aqui indicada pelos escritos do filósofo Achille Mbembe, da teórica Gayatri Spivak e do psiquiatra Frantz Fanon. A abordagem requisita também a noção de enquadramento proposta pela filósofa norte-americana Judith Butler, cujas premissas permitem uma melhor discussão em torno do aspecto não-hegemônico dos corpos, chave de leitura fundamental para as personagens estudadas neste trabalho. Sendo assim, tendo como base o método comparativo de análise, o artigo demonstra em que medida a precariedade da linguagem pode ser utilizada como ferramenta na leitura desses dois romances. Com isso, propõe um caminho interpretativo para as duas obras sob uma perspectiva contemporânea, arraigada nos marcadores sociais da diferença e na formação de sociedades coloniais.

Palavras-chave: Lima Barreto; Clarice Lispector; literatura brasileira, literatura comparada, teoria pós-colonial.

Abstract: This article aims to create a comparative reading between the novels *Clara dos Anjos*, by Lima Barreto, and *A hora da estrela*, by Clarice Lispector. Therefore, the attempt to develop an own language will be the converging theme between the narratives, based on the fictional experiences of the protagonists. As a theoretical approach, the investigation starts from a bibliographic research that runs through the post-colonial tradition, here indicated by the writings of the philosopher Achille Mbembe, the theorist Gayatri Spivak and the psychiatrist Frantz Fanon. This approach also requires the notion of framing proposed by the American philosopher Judith Butler, whose ideas allow a better discussion around the non-hegemonic aspect of bodies, an essential reading key for the characters studied in this work.

Thus, based on the comparative method of analysis, the article demonstrates the extent to which the precariousness of language can be used as a tool in reading these two novels. It proposes an interpretative possibility for the two works from a contemporary perspective, based on the social markers of difference and the formation of colonial societies.

Keywords: Lima Barreto; Clarice Lispector; Brazilian literature; comparative literature; postcolonial theory.

Afonso Henriques de Lima Barreto (1881–1922) e Clarice Lispector (1920–1977) são, a princípio, autores muito distintos entre si. Com trajetórias de vida diferentes e obras que se afastam em termos temáticos e estéticos, uma aproximação entre ambos pode parecer perturbadoramente inusitada. No entanto, ao aproximarmos a ficção de Clarice à de Lima, percebemos ser possível um entrelaçamento entre os percursos de duas protagonistas. São elas Clara dos Anjos, do romance homônimo concluído em 1922, e Macabéa, a protagonista criada por Clarice Lispector em *A hora da estrela*, de 1977. 55 anos separam as duas obras, mas meio século é pouco tempo no que se refere à periferia de que fazem parte as duas personagens. A partir delas, pretendo ler dois romances que se encontram na última linha da vida, visto que ambos os autores completaram as referidas obras no ano de suas mortes.

O enredo de Lima Barreto é simples. Clara dos Anjos, uma jovem negra e suburbana, envolve-se afetiva e sexualmente com Cassi Jones, um rapaz branco que, embora também morador dos subúrbios, detinha maior poder aquisitivo. Grávida, Clara é esquecida por Cassi, que desaparece da narrativa e da vida da jovem após o proibido envolvimento. Na outra ponta dessa linha, Macabéa tem um fim que, aparentemente, nada se relaciona com o de Clara dos Anjos. No entanto, se pensarmos o Mercedes amarelo que a arrasta como símbolo de um território que não lhe pertence, podemos vislumbrar na narrativa de Lima Barreto um subúrbio que se comunica com a personagem de Clarice Lispector.

Logo, pensando *A hora da estrela* como ponto máximo de articulação entre a escrita clariceana e a temática social, pretendemos aqui discutir a noção de subalternidade. Nessa leitura comparativa, será dado enfoque à questão da exclusão dentro do discurso hegemônico, partindo do princípio de que os dois ficcionistas construíram obras cujo cerne é a formação do Outro, na acepção dada pela crítica indiana Gayatri Spivak (2010) e pelo filósofo camaronês Achille Mbembe (2014). Não à toa,

os narradores nos oferecem significativas definições em relação a esses territórios, como as intempéries vividas por Macabéa “em uma cidade toda feita contra ela” (LISPECTOR, 1998, p. 15) e Clara dos Anjos nos subúrbios do Rio de Janeiro, “o refúgio dos infelizes” (BARRETO, 2012, p. 188).

Diante da luta desses corpos, partimos do princípio de que os discursos de Macabéa e Clara estão atrelados, respectivamente, às condições de uma mulher nordestina em uma cidade que lhe era estranha e ao desafio de uma jovem negra suburbana em um Rio de Janeiro que a queria apagar. São, portanto, frutos de um enquadramento dentro da concepção da filósofa norte-americana Judith Butler (2017, p. 17), segundo a qual “os sujeitos são constituídos mediante normas que, quando repetidas, produzem e deslocam os termos por meio dos quais os sujeitos são reconhecidos.” Nesse sentido, submetidas a territórios de exceção que as limitam à realidade de uma “vida precária”, ainda usando o léxico de Butler, a resistência das duas protagonistas é intrínseca a suas vidas, no que diz respeito àquilo que Lilia Schwarcz (2017) intitula de marcadores sociais da diferença, aspectos dentre os quais se destacam cor, gênero e lugar de origem.

Assim, existe algo de importante na forma como Lima Barreto e Clarice Lispector lidam com a linguagem em suas ficções. É possível, com isso, investigar os pontos de convergência e divergência entre *A hora da estrela* e *Clara dos Anjos* no que tange à tentativa dessas personagens em elaborar uma linguagem que lhes fosse própria, dado que, como ensina o teórico Frantz Fanon, “existe na posse da linguagem uma extraordinária potência” (2008, p. 34).

Dito isso, inicialmente, para construir esse diálogo, é preciso ressaltar que mais do que uma jovem enganada, Clara dos Anjos pode ser lida em seus desejos e vontades de transgressão. Afinal, como nos aponta o narrador, estamos a tratar de uma mulher cujos “seios duros quase estouravam de virgindade e ansiedade de amar” (BARRETO, 2012, p. 151). É essa a jovem que “vivia assim ansiosa e ofegante” (BARRETO, 2012, p. 221), a qual encontrou Cassi em um “torpor de vontade, de ânimo” (BARRETO, 2012, p. 269).

Como se vê, o narrador de Lima Barreto traz anseios para o corpo de Clara. Apesar disso, a fortuna crítica de que fazem parte as leituras em torno da obra opta por reproduzir o discurso segundo o qual Clara dos Anjos é uma vítima inerte e despreparada. Se de fato o fosse,

faltar-lhe-ia a consciência que demonstra ter ao fim da trama. Afinal, em um belo fragmento de discurso indireto livre, a narração ressalta como a protagonista suburbana havia percebido a exclusão de que era vítima: “A educação que recebera, de mimos e vigilâncias, era errônea. Ela devia ter aprendido da boca dos seus pais que a sua honestidade de moça e de mulher tinha todos por inimigos, mas isto ao vivo, com exemplos, claramente...” (BARRETO, 2012, p. 293–294).

Nesse sentido, pondo em cena a personagem de Clarice, Macabéa também é uma transgressora, uma mulher periférica que ousa, na agressividade tantas vezes incompreensível do Rio de Janeiro, querer ter sua hora de estrela. Por isso, o narrador se questiona se “Macabéa já teria alguma vez sentido que também ela era à toa na cidade incontestável” (LISPECTOR, 1998, p. 81). Conquistar o Rio de Janeiro, portanto, era impossível para Macabéa, assim como o foi para Clara dos Anjos. Porém, os destinos dessas mulheres constroem mesmo assim caminhos tensos dentro da lógica da sobrevivência na selva urbana tão complexa.

No que diz respeito à linguagem que pretendemos investigar, a extraordinária potência de que nos fala Fanon se manifesta de formas distintas nessas personagens. No caso de Clara dos Anjos, é fundamental lembrar que, ao perceber a ausência desoladora de Cassi Jones, a jovem tenta pedir ajuda a Deus. “— Que será de mim, meu Deus?” (BARRETO, 2012, p. 266). A frase, porém, não se desenvolve, deixando a personagem perdida em seu desalento. Parece haver aí uma linguagem fissurada e improdutiva, em uma cena que muito nos lembra o desamparo de outra mulher da ficção do século XIX. Refiro-me à Luísa, n’*O primo Basílio*, de Eça de Queirós, ao entrar na igreja e tentar falar com Deus, sem sucesso, pois “quereria falar a Deus, abrir-se toda a Ele; mas com que linguagem?” (QUEIRÓS, 2011, p. 306).

Assim, ecoando novamente Fanon (2008, p. 33), estamos partindo do princípio de que “falar é estar em condições de empregar uma certa sintaxe, possuir a morfologia de tal ou qual língua, mas é sobretudo assumir uma cultura, suportar o peso de uma civilização.” O peso da civilização diante da qual estamos é a impossibilidade de essas mulheres falarem com Deus, construído no Ocidente como reflexo de uma imagem patriarcal por excelência. É por isso que Clara dos Anjos apenas consegue ter para si

uma linguagem própria ao deslocar sua enunciação à Nossa Senhora, uma imagem feminina na qual consegue vislumbrar-se.

Pensou em morrer; pensou em se matar; mas, por fim, chorou e rogou a Nossa Senhora que lhe desse coragem. Se pudesse esconder?... - acudiu-lhe repentinamente este pensamento. Se pudesse “desfazê-lo”? Seria um crime, havia perigo de sua vida; mas era bom tentar. Quem lhe ensinaria o remédio? Correu o rol de suas poucas amigas; e só encontrou uma: Dona Margarida. (BARRETO, 2012, p. 283)

Falar com Deus é, portanto, impossível para Clara dos Anjos, entrevada pelo próprio medo. Chamando por Nossa Senhora, todavia, a imagem feminina lhe dá força, fazendo com que a protagonista rogue por “coragem”. A protagonista de Lima Barreto deseja precariamente descobrir a própria linguagem e possuir o próprio corpo. Descobriu, com isso, a potência em sua linguagem, embora tenha destoadado imperdoavelmente dos padrões morais que se esperariam de uma mulher em sua condição: “Que havia de ser dela agora, desonrada, vexada diante de todos, com aquela nódoa indelével da vida?” (BARRETO, 2012, p. 282). Percebemos, dessa maneira, conforme nos ensina a professora Mônica Figueiredo (2011, p. 43) ao ler a ficção realista do século XIX, que “a fala é sempre individual e nela o indivíduo se cria.”

Sendo assim, criando o território de exceção que a noção de subalternidade nos exige na leitura proposta, podemos entrelaçar as linhas da ficção barretiana ao percurso complexo e precário de Macabéa. Estando à toa em um lugar que jamais conquistaria, Macabéa “nunca tinha tido coragem de ter esperança” (LISPECTOR, 1998, p. 76). É interessante perceber, aqui, que a palavra de Lima e Clarice é a mesma. A coragem que Clara pede ao se voltar à Nossa Senhora é a mesma que Macabéa jamais tivera. Existe aí uma fundamental questão em torno da linguagem, pois todo ato de coragem é também um ato de enunciação.

Nessa discussão, o lugar de ambos os narradores parece central. De fato, o texto de Clarice demonstra a gradativa perda de certa linguagem que garante a manutenção da vida. É isso que parece ocorrer quando Rodrigo S.M. interrompe seu discurso, pouco antes da derradeira cena de Macabéa na cartomante, afirmando estar “absolutamente cansado de literatura” (LISPECTOR, 1998, p. 70) e que “só a mudez me faz companhia” (LISPECTOR, 1998, p. 70). Logo em seguida, completa: “Se ainda escrevo é porque nada mais tenho a fazer no mundo enquanto espero a morte.

A procura da palavra no escuro” (LISPECTOR, 1998, p. 70). Dessa maneira, é o próprio narrador que nos informa estar em busca da palavra dessa narrativa no escuro, caminhando por silêncios e transitando entre instabilidades.

Assim, levantamos a hipótese de que Lima Barreto, por um lado, construiu em sua jovem suburbana uma história de sobrevivência a partir da posse da linguagem, não à toa Clara dos Anjos pede coragem à Nossa Senhora e, como demonstramos, apresenta uma tomada de consciência ao final de seu romance. Afinal, o próprio fato de terminar viva a sua narrativa, dentro da tradição literária em que está inserido Lima Barreto, é um sinal de transgressão e ousadia. Lembremo-nos, por exemplo, da já mencionada Luísa, Emma Bovary ou Capitu, apenas alguns exemplos de mulheres transgressoras mortas pela ficção oitocentista.

Nesse sentido, em se tratando de seus desejos, as vontades de Clara são outro aspecto importante para questionarmos a leitura que até hoje nos foi entregue sobre esse romance. Como discutido na mais recente biografia do romancista carioca, sua protagonista é “a exemplo de Emma Bovary, delicada e feminina – e, da mesma maneira que a personagem de Flaubert, quer sair, a qualquer custo, do local em que vive” (SCHWARCZ, 2017, p. 163). A comparação é perfeita, e essa fuga, como já demonstramos, materializa-se em Cassi. Porém, ao longo da narrativa, diferentemente de Luísa ou Emma, a personagem não protagoniza nenhuma cena de prazer sexual, dado que, em seu único ato, não tem controle sobre nada.

É nesse ponto que se evidencia a atenção a ser dada para a “voz” que narra o romance. O sexo de Clara não é dito, mas interdito, porque ela está em um embate contra o próprio narrador, que tenta enfatizar a passividade feminina ao associar as mulheres não ao desejo sexual, mas ao sonho romântico, diáfano e ingênuo. Por essa razão, Macabéa morre um pouco a cada página junto a Rodrigo S.M., ao passo que Clara dos Anjos luta para sobreviver, apesar de seu narrador.

[Cassi] escolhia bem a vítima, simulava amor, escrevia detestavelmente cartas langorosas, fingia sofrer, empregava, enfim, todo o arsenal do amor antigo, que impressiona tanto a fraqueza de coração das pobres moças daquelas paragens, nas quais a pobreza, a estreiteza de inteligência e a reduzida instrução concentram a esperança de felicidade num Amor, num grande e eterno Amor, na Paixão correspondida. (BARRETO, 2017, p. 109)

É também o caso do momento em que a protagonista traz à memória seu encontro com Cassi Jones. Além de não termos acesso à cena do encontro em si, o narrador demonstra novamente sua parcialidade, o que corrobora para o que estamos chamando de um embate entre a protagonista e a voz narrativa: “Ela não sabia decompô-lo, não sabia compreendê-lo. Lembrando-se, parecia-lhe que, no momento, lhe dera não sei que torpor de vontade, de ânimo, como que ela deixou de ser ela mesma, para ser uma coisa, uma boneca nas mãos dele” (BARRETO, 2017, p. 269).

A lembrança de Clara dos Anjos, no entanto, é a abertura de janelas, rompimento da barreira, a invasão do mundo sobre o sujeito de que nos fala Fanon ao pensar a experiência negra.

O mundo verdadeiro invadia o nosso pedaço. No mundo branco, o homem de cor encontra dificuldades na elaboração de seu esquema corporal. O conhecimento do corpo é unicamente uma atividade de negação. É um conhecimento em terceira pessoa. Em torno do corpo reina uma atmosfera densa de incertezas. [...] Faço todos esses gestos não por hábito, mas por um conhecimento implícito. Lenta construção de meu eu enquanto corpo, no seio de um mundo espacial e temporal, tal parece ser o esquema. Este não se impõe a mim, é mais uma estruturação definitiva do eu e do mundo – definitiva, pois entre meu corpo e o mundo se estabelece uma dialética efetiva. (FANON, 2008, p. 104)

Clara e Cassi envolvem-se sob o prisma da tensão, relação instintiva e dialética. Essa construção ilustra as contradições do próprio Brasil. Por conta disso, Cassi Jones remonta vários séculos da História do país, é a invasão de um mundo alheio sobre uma realidade a ser explorada, não à toa a epígrafe escolhida para o romance refere-se à colonização e à exploração de mulheres indígenas. Todavia, como definiu o filósofo, “o preto é um brinquedo nas mãos do branco; então, para romper este círculo infernal, ele explode” (FANON, 2008, p. 126). O último romance de Lima Barreto, portanto, parece ser, enfim, uma narrativa de sobrevivência, cuja manifestação, para certos corpos, sempre será por intermédio da explosão.

Por outro lado, Clarice Lispector, no estilo singular que a consagrou, transforma Rodrigo S.M. e Macabéa na síntese de uma linguagem que não é capaz de abarcar o mundo. Sob esse ponto de vista, a mudez do narrador é também a mudez da personagem que, errante, busca no escuro as precárias palavras que constituiriam a tentativa de discurso,

uma linguagem a lhes garantir um pouco mais de vida. Dessa forma, a busca de ambos ganha materialidade nas últimas páginas do romance.

É esse o caso de Rodrigo, que admite estar se “interessando terrivelmente por fatos: fatos são pedras duras. Não há como fugir. Fatos são palavras ditas pelo mundo” (LISPECTOR, 1998, p. 71). Essas palavras que são, portanto, a linguagem do mundo, despertam o interesse do narrador que ainda tenta viver. É, todavia, através dessa mesma linguagem que percebemos ser incontrollável o fluxo da narrativa, fruto de uma linguagem que não mais possui, a qual, poucas páginas em seguida, mataria tanto Rodrigo, quanto Macabéa: “(Como é chato lidar com fatos, o cotidiano me aniquila, estou com preguiça de escrever esta história que é um desabafo apenas. Vejo que escrevo aquém e além de mim. Não me responsabilizo pelo que agora escrevo.)” (LISPECTOR, 1998, p. 72).

Logo, a narrativa já está fora do alcance do narrador, pois estamos diante da linguagem incontrollável tecida por Clarice Lispector. É também por isso que percebemos em Rodrigo não apenas o desalento dessa perda, mas também o cansaço de precisar estar preso a essa linguagem: “(Vejo que não dá para aprofundar essa história. Descrever me cansa.)” (LISPECTOR, 1998, p. 72).

Nesse cenário que lentamente se demonstra perturbador, surge a cartomante por cujas palavras Macabéa tanto ansiava, Madame Carlota. A presença dessa mulher aparenta, logo de início, ser revolucionária na vida da protagonista, o que se evidencia em sua relação com Deus. Assim, em oposição à linguagem que faltou à Luísa, à Clara e à Macabéa, Madame Carlota é introduzida na narrativa clariceana por intermédio de sua capacidade de comunicar-se com o divino.

— Não tenha medo de mim, sua coisinha engraçadinha. Porque quem está ao meu lado, está no mesmo instante ao lado de Jesus. [...]

— Eu sou fã de Jesus. Sou doidinha por Ele. Ele sempre me ajudou. Olha, quando eu era mais moça tinha bastante categoria para levar vida fácil de mulher. E era fácil mesmo, graças a Deus. Depois, quando eu já não valia muito no mercado, Jesus sem mais nem menos arranjou um jeito de eu fazer sociedade com uma coleguinha e abrimos uma casa de mulheres. (LISPECTOR, 1998, p. 72–73)

É interessante perceber que a regular mudez de Macabéa é tecida por oposição à fala altiva de Madame Carlota. Dessa maneira, a precariedade da linguagem do narrador, o qual, a essa altura do enredo, já admitira

estar perdido, é também a carência da personagem. Percebemos, então, que a vontade de Macabéa na sala da cartomante é, sobretudo, um anseio por linguagem. Destituída da capacidade de formar-se com autonomia devido à sua mudez, a imigrante nordestina, nesta cidade atroz que, afinal, não lhe pertence, sucumbe a uma linguagem que não lhe é própria para tentar perseguir a sua hora de estrela. Transforma-se, pois, em Outro. Do filósofo Mbembe, ressaltamos a ideia de que certos corpos são construídos discursivamente pelo ocidente não a partir do próprio ponto de vista, pois “o pensamento europeu sempre teve tendência para abordar a identidade não em termos de pertença mútua (co-pertença) a um mesmo mundo” (MBEMBE, 2014, p. 10). É essa a questão de Macabéa. Por estar inserida num universo alheio ao seu, não conseguiu constituir-se de linguagem própria, contando com a linguagem de Carlota para existir, de modo que as palavras da cartomante muito lhe interessam.

— [...] Você está interessada no que eu digo?

— Muito.

— Pois faz bem porque eu não minto. Seja também fã de Jesus porque o Salvador salva mesmo. (LISPECTOR, 1998, p. 73)

Devido a essa potência que Macabéa percebe conter na linguagem, a personagem se vê assustada diante do domínio de Carlota, tal qual o narrador que a conduz. É o que ocorre durante a conversa das duas mulheres.

— Depois, quando eu já estava ficando muito gorda e perdendo os dentes, é que me tornei caftina. Você sabe o que quer dizer caftina? Eu uso essa palavra porque nunca tive medo de palavras. Tem gente que se assusta com o nome das coisas. Vocezinha tem medo de palavras, benzinho?

— Tenho, sim senhora.

— Então vou me cuidar para não escapulir nenhum palavrão, fique sossegada. (LISPECTOR, 1998, p. 75)

Não era, porém, apenas de palavrões que Macabéa tinha medo. O espanto que nela percebemos diz respeito à impossibilidade de tecer o próprio mundo a partir de uma linguagem que pudesse ser sua. Por esse motivo, as falas da protagonista de Clarice são absolutamente limitadas às respostas de que Carlota precisa, restringindo-se a balbuciar “não senhora” e “sim senhora”. Esse cenário torna-se ainda mais evidente

no derradeiro momento em que a cartomante decide ler o futuro de Macabéa, quando o narrador afirma que a jovem nordestina estava com as mãos trêmulas.

Pela primeira vez ia ter um destino. Madama Carlota (explosão) era um ponto alto na sua existência. Era o vórtice de sua vida e esta se afunilara toda para desembocar na grande dama cujo ruge brilhante dava-lhe à pele uma lisura de matéria plástica. A madama de repente arregalou os olhos.

— Mas, Macabeazinha, que vida horrível a sua! Que meu amigo Jesus tenha dó de você, filhinha! Mas que horror!

Macabéa empalideceu: nunca lhe ocorrera que sua vida fora tão ruim. (LISPECTOR, 1998, p. 75–76)

Precisamos perceber aqui o fato de que Macabéa tem sua revelação por meio de uma fala que não é sua. Da mesma forma, quando em seguida a cartomante anuncia que tudo em sua vida mudará para melhor assim que saísse de sua casa, as mudanças pelas quais passa a personagem são condicionadas por previsões dessa linguagem outra, devido às quais, ainda no léxico de Fanon, a narrativa é atravessada por “explosões”.

Num súbito ímpeto (explosão) de vivo impulso Macabéa, entre feroz e desajeitada, deu um estalado beijo no rosto da madama. E sentiu de novo que sua vida já estava melhorando ali mesmo: pois era bom beijar. [...]

Madama Carlota havia acertado tudo. Macabéa estava espantada. Só então vira que sua vida era uma miséria. Teve vontade de chorar ao ver seu lado oposto, ela que, como eu disse, até então se julgava feliz. (LISPECTOR, 1998, p. 79)

Assim, a potência da linguagem que estamos, aqui, a investigar se sintetiza na voz do narrador ao anunciar que a vida de Macabéa já estava mudada: “E mudada por palavras – desde Moisés se sabe que a palavra é divina” (LISPECTOR, 1998, p. 79). Nessa palavra divina, detida por Carlota de uma maneira que Macabéa desconhecia, está contida a quase esperança da protagonista de Clarice.

Sendo assim, percorrendo a esperança, trazemos mais uma vez à tela, de volta às ruas estreitas do subúrbio de Lima Barreto, o destino de Clara dos Anjos. Como se vê, pedir coragem com a própria palavra é um sinal de potência na personagem barretiana, que, por sua vez, encerra o romance grávida, um índice de esperança a ser desvelado no texto de Lima e no corpo de Clara.

Nesse sentido, embora Macabéa fosse, ao sair da cartomante, “uma pessoa grávida de futuro” (LISPECTOR, 1998, p. 79), essa gravidez não será a mesma de Clara, pois está fadada a não sobreviver, visto que, atropelada, “no chão parecia se tornar cada vez mais Macabéa, como se chegasse a si mesma” (LISPECTOR, 1998, p. 82). Dessa forma, sua protagonista “pertencia a uma resistente raça anã teimosa que um dia vai talvez reivindicar o direito ao grito” (LISPECTOR, 1998, p. 80). Nesse excerto, portanto, a busca por uma linguagem que lhe permitisse gritar se torna notória.

A morte da protagonista em *A hora da estrela* é, assim, também a morte do narrador e da própria narrativa. Nessa perspectiva, como salienta o filósofo Benedito Nunes (2009), no ensaio “A paixão de Clarice Lispector”, a história de Macabéa, em certo sentido, prolonga *A paixão segundo G.H.* na identificação proporcionada entre narrador e personagem, que, ao morrerem juntos, apontariam, afinal, para a morte da própria autora.

Por outro lado, Clara dos Anjos, ao perceber que “não é nada nesta vida” (BARRETO, 2012, p. 294), tem o direito ao grito e sua narrativa não morre, uma vez que a última frase do romance de Lima Barreto é proferida pela sua protagonista, aquela que aprendeu a dominar uma linguagem que fosse sua. Macabéa, por sua vez, “lutava muda” (LISPECTOR, 1998, p. 81). É a incapacidade de comunicação que também percebemos, quando “Macabéa disse uma frase que nenhum dos transeuntes entendeu” (LISPECTOR, 1998, p. 85).

Deitada, morta, era tão grande como um cavalo morto. O melhor negócio é ainda o seguinte: não morrer, pois morrer é insuficiente, não me completa, eu que tanto preciso. Macabéa me matou. Ela estava enfim livre de si e de nós. Não vos assusteis, morrer é um instante, passa logo, eu sei porque acabo de morrer com a moça. Desculpai-me esta morte. É que não pude evitá-la, a gente aceita tudo porque já beijou a parede. Mas eis que de repente sinto o meu último esgar de revolta e uivo: o morticínio dos pombos!!! Viver é luxo. (LISPECTOR, 1998, p. 86)

Viver é luxo. No caso de mulheres como Clara dos Anjos e Macabéa, um luxo raro de se encontrar. Assim, podemos lê-las sob o holofote do conceito de enquadramento proposto por Butler. Para a filósofa, são “os enquadramentos que, efetivamente, decidem quais vidas serão reconhecíveis como vidas e quais não o serão devem circular a fim de estabelecer sua hegemonia” (BUTLER, 2017, p. 28).

Há muito as vidas negras, suburbanas e nordestinas não são passíveis de luto no contexto brasileiro. Dessa maneira, como tantos momentos da História ocidental nos provam, a violência é sentida, noticiada e enlutada a depender de sua vítima. Por esse motivo, Lima Barreto é “o escritor do meio brasileiro, das almas excluídas” (SCHWARCZ, 2017, p. 405). No caso de *A hora da estrela*, poderíamos dizer também que Clarice Lispector foi por um momento uma escritora de almas excluídas.

Assim, ainda mantendo essa perspectiva teórica, é possível identificar que Clara tem uma vida precária. Esse termo, no sentido usado por Butler, “implica viver socialmente, isto é, o fato de que a vida de alguém está sempre, de alguma forma, nas mãos do outro” (2017, p. 31). Na verdade, todas as vidas são invariavelmente precárias, pois “não há vida sem necessidade de abrigo e alimento, não há vida sem dependência de redes mais amplas de sociabilidade e trabalho, não há vida que transcenda a possibilidade de sofrer maus-tratos e a mortalidade” (BUTLER, 2017, p. 45). Certas vidas, no entanto, sofrem com aquilo que Butler trata como condição precária.

A condição precária designa a condição politicamente induzida na qual certas populações sofrem com redes sociais e econômicas de apoio deficientes e ficam expostas de forma diferenciada às violações, à violência e à morte. Essas populações estão mais expostas a doenças, pobreza, fome, deslocamentos e violência sem nenhuma proteção. (BUTLER, 2017, p. 46)

Nesse sentido, sob o viés pós-colonial que nos interessa, podemos entrelaçar os percursos de Clara dos Anjos e Macabéa. Sob esse prisma, a composição desses corpos se coaduna no que diz respeito à posição periférica de ambas as personagens. No pensamento de Fanon, aprendemos que o esquema corporal do Outro, nesse caso a mulher negra e a mulher nordestina, é formado em terceira pessoa. São essas as vidas precárias de que nos fala Butler, vidas cuja linguagem é tecida por uma potência contra-hegemônica. Assim, a “explosão” que surge no texto de Clarice Lispector entre parênteses é a reação de mulheres num embate contra a precariedade da própria linguagem. Em se tratando especificamente de histórias em torno da exclusão, do racismo e dos subúrbios, cabe ressaltar a discussão proposta por Spivak em torno da ideia de subalternidade:

[E]ntre o patriarcado e o imperialismo, a constituição do sujeito e a formação do objeto, a figura da mulher desaparece, não em um vazio imaculado, mas em um violento arremesso que é a figuração deslocada da “mulher do terceiro mundo”, encurralada entre a tradição e a modernização. (SPIVAK, 2010, p. 119)

Esse princípio é fundamental para entendermos que novas epistemologias são necessárias para que possam ser compreendidos os fenômenos da periferia. Assim, em um Rio de Janeiro em constante reconstrução dos hábitos e das paisagens urbanas, Clara dos Anjos desapareceu num “violento arremesso”. No caso de Macabéa, perder-se em uma cidade que não lhe pertence a aproxima dos passos errantes da personagem de Lima Barreto.

Afinal, se pensarmos o contexto pós-abolição da escravatura em que está inserido o escritor suburbano, é impossível ignorar que, no início do século XX, defendia-se a ideia de que o Brasil, no futuro, seria um país branco, um país sem Claras, Macabéas e suas iguais. O etnógrafo Arthur Neiva, por exemplo, defensor do darwinismo social e da eugenia, “louvava a orientação imigratória” (NASCIMENTO, 2016, p. 87), chegando a afirmar que, em cem anos, não haveria mais negros no Brasil. Do mesmo modo, “João Batista de Lacerda, único delegado latino-americano ao Primeiro Congresso Universal de Raças, realizado em Londres em 1911, previa que, até o ano de 2012, o Brasil estaria livre do negro e de seus mestiços” (NASCIMENTO, 2016, p. 87).

Nessa conjuntura, ressaltar a sobrevivência de Clara dos Anjos e a sua gravidez em oposição à falta de linguagem que parece acometer Macabéa não é, de forma alguma, uma leitura hierarquizante ou definitiva. Não almejo, com isso, exaltar a vida de uma personagem em detrimento da morte de outra. Na verdade, o objetivo último deste artigo é demonstrar comparativamente como autores tão distintos puderam reverberar a consciência de uma sociedade cujo autoritarismo se enraizou como linguagem.

Quando Rodrigo S.M., nas últimas páginas de sua narrativa, percebe que a história contada se trata da “iminência que há nos sinos que quase-quase badalam” (LISPECTOR, 1998, p. 86), percebemos que a questão de Clarice é, de fato, estar perto do coração selvagem, pois a linguagem é impossível de abarcar a completude da experiência, sintetizando o desamparo de sinos que quase badalam, sem, no entanto, soar.

Esse desamparo, todavia, é também material. De bases coloniais, escravocratas e patriarcais, o Brasil, sem dúvidas, possui uma democracia vacilante e incerta. Trata-se, enfim, de um espaço ambíguo, na tensa relação de uma corporeidade que, trôpega, batalha para se construir. Diante de um país de corpos cerceados, investigar as linguagens subalternas em múltiplas e complexas precariedades é, em última instância, requisitar o direito ao grito, a esperança da voz. Concordamos, portanto, que

direitos conquistados nunca foram direitos dados, e os novos tempos pedem, de todo nós, vigilância atitude cidadã e muita esperança também. A sociedade civil brasileira tem dado mostras de que sabe se organizar e lutar por seus direitos. As mulheres não vão voltar para o fogão, os negros e negras que completaram o ensino superior e hoje se encontram em lugares de liderança não recuarão de suas posições, a população LGBTQ vai continuar a andar de braço dado pelas ruas, os indígenas lutarão e farão valer seus direitos às terras hoje invadidas, líderes de religiões de matriz muçulmana e afro-brasileira cultuarão seus deuses abertamente. (SCHWARCZ, 2019, p. 237)

Por essa razão, ao vislumbrarmos corpos de Claras e Macabéas, entendemos um pouco melhor a relação entre uma vida de exceções dentro da condição perturbadora da lógica moderna à qual estamos sujeitos. As narrativas que aqui discutimos estão em momentos históricos distintos na formação social do Brasil. No entanto, não é difícil observar uma linha dolorosa a conectar experiências do tempo de Lima Barreto, diante da avassaladora Reforma Pereira Passos, ao de Clarice Lispector, inserida no contexto da ditadura militar que, em duros golpes, fraturou as possibilidades de realização de tantas linguagens.

Sob o código do trauma, enfim, vislumbramos o fenômeno da modernidade urbana, que, sob o lema vil do “progresso”, precarizou tantas vidas ao longo do século XX. Assim sendo, se a modernidade é um turbilhão frenético e implacável, seguindo a imagem do filósofo norte-americano Marshall Berman (2007), suportá-la é um desafio para certos corpos. Nesse desafio, a literatura respira diante da barbárie. Nas penas de Clarice Lispector e Lima Barreto, enxergamos a defesa última de corpos na dissonância de viver à busca por uma linguagem própria.

Essa linguagem que se chama sobrevivência.

Referências

- BARRETO, L. *Clara dos Anjos*. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2012.
- BERMAN, M. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. Tradução: Carlos Felipe Moisés e Ana Maria L. Ioriatti. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- BUTLER, J. *Quadros de guerra: quando a vida é passível de luto?* Tradução: Sérgio Tadeu de Niemeyer Lamarão e Arnaldo Marques da Cunha. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.
- FANON, F. *Pele negra, máscaras brancas*. Tradução: Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.
- FIGUEIREDO, M. *No corpo, na casa e na cidade: as moradas da ficção*. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2011.
- LISPECTOR, C. *A hora da estrela*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- MBEMBE, A. *Crítica da razão negra*. Tradução: Marta Lança. Lisboa: Antígona, 2014.
- NASCIMENTO, A. *O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado*. São Paulo: Perspectivas, 2016.
- NUNES, B. A Paixão de Clarice Lispector. In: NOVAES, A. (Org.). *Os sentidos da paixão*. São Paulo: FUNARTE, Companhia das Letras, 2009. p. 307-321.
- QUEIRÓS, E. *O primo Basílio*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.
- SCHWARCZ, L. *Lima Barreto: triste visionário*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- SCHWARCZ, L. *Sobre o autoritarismo brasileiro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- SPIVAK, G. *Pode o subalterno falar?* Tradução: Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

Recebido em: 1º de agosto de 2020.

Aprovado em: 29 de abril de 2021.